MINAS FAZ CIÊNCIA

FAPEMIG

Publicação trimestral da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG
ISSN 1809-1881 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

INOVAÇÃO
EDIÇÃO ESPECIAL



LUZ DOS TEMPOS

PARA CLAREAR OS CONTORNOS DO FUTURO, O BRASIL SE ABRE À INOVAÇÃO

Aliança pela ciência

Rede Mineira de Propriedade Intelectual faz girar as hélices propulsoras da inovação no Estado

Virgínia Fonseca



Quem inventou o avião? Responda rapidamente, caro leitor, se for capaz de fazê-lo, a despeito dos inúmeros adendos que acompanham a questão. Durante anos, nós, brasileiros, aprendemos a creditar tal façanha ao mineiro Alberto Santos Dumont, "o pai da aviação". Hoje, basta um clique em sistemas de busca da internet para que se instale o caos quanto ao entendimento desse mérito. Dumont divide tal paternidade com os americanos Orville e Wilbur Wright – reconhecidos na maior parte do globo –, com o francês Clément Ader, dentre vários outros estudiosos da arte de conquistar os céus. E não há exame de DNA que desate o nó, visto que os registros são dispersos e variadas se revelam as contribuições que ajudaram o homem a se distanciar do chão.

Tivessem esses brilhantes homens vivido em tempos mais propícios à salvaguarda de suas ideias e o imbróglio quanto à criação dos aviões, provavelmente, jamais teria existido. No Brasil, por exemplo, cerca de um século se passou, desde o feito de Santos Dumont (1906), até que florescesse a cultura da inovação e da proteção ao conhecimento. Ainda no final da década de 1990, poucos compreendiam, discutiam e tinham o tema como relevante. Apenas no início deste milênio é que se intensificaram as ações neste sentido.

Estudo realizado pela economista Valéria Bastos, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), aponta que os financiamentos reembolsáveis e não reembolsáveis têm se ampliado,

chegando a mais de R$ 50 bilhões entre 2000 e 2010. O período coincide com o momento de criação dos instrumentos de incentivos fiscais às empresas, dos fundos setoriais de apoio a projetos cooperativos entre as instituições científicas e tecnológicas (ICTs) e outras iniciativas derivadas da inserção da inovação na política industrial do País. Também nesse ínterim, ganharam força os Núcleos de Inovação Tecnológica nas universidades e foi criada a Rede Mineira de Propriedade Intelectual (RMPI).

Teias da inovação

Criada em julho de 2003, a RMPI congrega 32 instituições e é gerenciada, conjuntamente, pelas universidades federais de Minas Gerais (UFMG) e Viçosa (UFV), cujas coordenações ficam a cargo, respectivamente, dos professores Pedro Vidigal e Rodrigo Gava. Com sede na UFV, a Rede dedica-se a incentivar a política de propriedade intelectual por meio do apoio às ICTs mineiras no que se refere à gestão da propriedade intelectual e da inovação, com vistas à proteção do conhecimento científico e tecnológico no Estado.

A atuação da entidade se dá em âmbitos como a definição de políticas de proteção intelectual, a implantação dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) e a capacitação de recursos humanos, que lidam com gestão da proteção do conhecimento e transferência tecnológica. Além disso, a RMPI promove eventos com o intuito de discutir e disseminar o aprendizado de temas relativos à propriedade intelectual.

As ICTs que compõem a Rede caracterizam-se por apresentar estrutura permanente de pesquisa e contar com núcleo responsável por gerir políticas de propriedade intelectual e inovação. Rodrigo Gava, do Departamento de Administração e Contabilidade da UFV, explica que, a partir das particularidades das instituições, cada NIT consolidou potencialidades específicas, o que possibilita ao grupo ter *expertises* relacionadas aos diferentes trâmites de gestão e de proteção das descobertas inovadoras.

Os números da RMPI atestam o funcionamento do formato adotado em Minas. Os registros de proteção intelectual atuais representam seis vezes o total contabilizado quando do início da Rede, há 10 anos, pois passaram de 284, em 2003, para 1.860, em 2013. Evidência, conforme afere Gava, do incremento gerado pela aproximação da produção científica com a aplicação industrial.

> Um salto à inovação foi dado em 2004, com a criação da Lei 10.973, a Lei de Inovação. Tal legislação pretendeu constituir ambiente propício às parcerias estratégicas entre universidades, institutos tecnológicos e empresas, estimular a participação de ICTs no processo de inovação e incentivar iniciativas inovadoras. Os NITs passam, então, a ter sua existência reconhecida e suas ações descritas. A partir desse momento, as ICTs que ainda não haviam se mobilizado para a organização de seu NIT começaram a fazê-lo.

Auxiliada por parceiros como o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia e Ensino Superior (Sectes) e a FAPEMIG, a RMPI promove cursos de capacitação, para seus profissionais, sobre questões ligadas a propriedade intelectual, redação de patentes e transferência de tecnologia. Enquanto isso, a atuação junto ao Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) busca, por sua vez, a integração de empreendimentos de menor porte.

A Rede também se engajou em projeto cujo objetivo é constituir núcleo para a interação entre as ICTs e as empresas de Minas Gerais, com foco na transferência tecnológica e na promoção de inovações. Outra boa notícia diz respeito ao fato de que, em 2007, a entidade ingressou no Programa de Apoio a Redes da FAPEMIG, o que ampliou o apoio aos NITs mineiros.

Emaranhado

Rodrigo Gava observa como principal avanço para a área – desde a criação da Rede – a ampliação do conhecimento e da sensibilidade das sociedades mineira e brasileira quanto à importância de projetos de inovação. "Realmente, expandiu-se essa cultura, fato de suma importância para que seja crescente o apoio às tentativas de articulação benéficas não só à competitividade da indústria e à economia, como também, consequentemente, à população", avalia. O pesquisador, porém, faz sua ressalva: a evolução, embora substancial, reflete passos ainda lentos de um País que, tardiamente, iniciou a organização de seu amparo legal e dos estímulos necessários a impulsionar as relações entre os atores que fazem girar as hélices de Etzkovitz. "O contexto é propício à inovação e as mudanças são grandes. Mas seriam possíveis resultados ainda melhores", opina.

Consenso entre os dois coordenadores da Rede, os aspectos formais permanecem como principal gargalo. Gava comenta que os NITs ainda não têm toda a autonomia necessária: a legislação exige certa tramitação, que, muitas vezes, limita a dinâmica de negociação comum ao setor privado. Pedro Vidigal complementa o raciocínio, ao lembrar o déficit de recursos humanos capacitados. "É difícil a contratação, já que os cargos para os núcleos não são previstos no organograma das instituições", relata. A saída tem sido a atuação de bolsistas e profissionais temporários, o que não soluciona o impasse, pois o vencimento dos contratos gera necessidade de novos acordos e capacitações.

O gestor do Núcleo de Inovação Tecnológica e Empreendedorismo (Nite) da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), professor Rodrigo Bianchi, observa outra questão: frequentemente, depósitos de patentes não encontram interesses correspondentes no setor produtivo. Ou seja, patenteamentos são gerados para posterior busca de consortes comerciais e industriais. Segundo o pesquisador, o oposto deveria ser o usual: tais parceiros induzi-

> Estudioso conhecido nos debates sobre inovação, por suas contribuições acerca dos atores (as "hélices") da inovação, ao ressaltar as relações entre governo, instituições de pesquisa e setor privado.

rem, na academia, o desenvolvimento de projetos estratégicos, que, por sua vez, levariam a produtos de interesse social. "A relação entre setor produtivo e acadêmico seria mais sólida, o que tornaria comum e natural o trâmite patente-produto".

"Como há intenso processo de aprendizagem em andamento, com muitas tecnologias já disponíveis nas prateleiras do site da RMPI, boa parte delas pode não ser exatamente o que esperava o setor privado", concorda Gava. O coordenador reitera que, por isso, a Rede trabalha a conscientização acerca da importância do desenvolvimento tecnológico em parceria com empresas e Governo – o que exige treinamento em negociação e elaboração de contratos, para garantir o respeito mútuo aos direitos, além, especialmente, do desenvolvimento de produtos tecnológicos de sucesso.

Novos dispositivos propõem soluções para antigas dificuldades



Pé articulado amortecedor e antiderrapante

O Artpé foi desenvolvido para ser acoplado em equipamentos de apoio, como andadores, bengalas e muletas. Sua base articulada proporciona maior área de contato com o chão e aderência, independentemente da inclinação do dispositivo.

Dispositivo de auxílio à manipulação de embalagens

Este dispositivo foi desenvolvido, especialmente, para facilitar os portadores de artrite reumatoide a abrir e fechar diversos tipos de recipientes, com ênfase nos que possuem tampas e anéis puxadores.



Arquivo CTF



Coleção de Produtos Citológicos e Histológicos Tridimensionais

Peças que representam partes do corpo humano em diferentes escalas. Visa o manuseio por deficientes visuais, tornando mais eficazes e inclusivos o ensino e a aprendizagem de Ciências da Vida.



Mesa funcional

Mesa desenvolvida para atender pessoas com problemas posturais causadores de déficit funcional. De fácil montagem, manuseio e limpeza, suas peças se desencaixam, facilitando seu transporte e armazenamento.

Peças que representam parte do corpo humano em escala. Visa o manuseio por deficientes visuais, tornando mais eficaz e inclusivo o ensino e aprendizagem de Ciências da Vida.

Este dispositivo foi desenvolvido especialmente para facilitar os portadores da artrite reumatoide a abrir e fechar diversos tipos de recipientes, especialmente os que possuem tampas e anéis puxadores.

Órtese elétrica para mão

Indicada para indivíduos que perderam o movimento manual ou dos punhos, esta órtese funcional possibilita a reabilitação dos movimentos de abrir e fechar as mãos.



MINAS FAZ CIÊNCIA • EDIÇÃO ESPECIAL 2013 33